

Entrevista com Horacio Bilbao, editor-chefe e Franco Torchia, videoredator (participou também Maria Farber)

Clarín.com, 04-08-2008

Videonotas – Blog Camera Libre – 5 personas na equipe

Fazem um roteiro quando saem para gravar?

Horácio - Não, diariamente, não. Videonotas são como entrevistas. Pode-se fazer uma pauta como se fosse uma entrevista em papel. Em geral o que fazemos é, quando temos uma série de entrevistas, fazer perguntas comuns a todos. Então isso permite trabalhar uma edição sobre temas específicos de uma maneira muito mais veloz.

Mas não temos um roteiro, porque seria um trabalho absurdo. Nos reunimos, discutimos muito brevemente e pautamos um série de notas para a semana e vemos que orientação terá cada uma. De uma maneira muito geral.

Como seria uma linguagem de vídeo para web? Pensam nisso quando saem para gravar? O que muda?

Franco – A narração muda, basicamente. Porque nos dois casos são imagens, é uma narração audiovisual. No caso do vídeo para internet, é uma narração em princípio mais fragmentada, menos linear. A TV conta uma notícia, a constrói sempre de muito linearmente, me parece que a princípio nós não, fazemos mais fragmentado, mas com isso não me refiro à falta de clareza ou à falta de conteúdo. Me refiro à forma.

Horácio – são muitos fatores que nos fazem pensar assim. Uma é que a internet, como nos permite trabalhar como um banco de fontes, um canal de experimentação, e a TV, por ser um meio tradicional, com audiência conhecida, é difícil romper, é mais difícil de se errar. Em internet se pode tentar, e isso é bem visto. Fazemos laboratório o tempo todo, observamos o que os leitores gostam e o que não gostam.

O que seria a fragmentação de imagens?

Franco – Imagens compostas.

Horácio - Não necessariamente precisam ser depoimentos acabados, acho que isso tem a ver com a multiplataforma de conteúdos – a TV não pode trabalhar com um blog de entrevistas e resolver isso no tempo que podemos resolver. Porque através do link, pode-se trabalhar com diversas referências, como o texto, se você quiser de aprofundar, por exemplo. Os (nossos) vídeos tem três minutos quase, é mais uma chamada e uma introdução a um tipo de conteúdo, a possibilidade de ser um ímã para vários temas. E depois, estamos mais perto do desenvolvimento de conteúdo para celular do que para uma tela grande.

A TV tem outras premissas de produção. Não há rivalidade, não vamos competir com um canal de notícias, que tem uma estrutura para isso. Temos que ter um enfoque diferenciado, desde do fragmentário. Em geral, a diferença do vídeo na web é um olhar diferente sobre o vídeo, e o código que se estabelece com os leitores. Pode ser que o texto às vezes seja maior, porque o áudio do vídeo pode não sair bom.

Presença nos buscadores – por isso há o texto, uma “bajada” (chamada). Se queres estar presente na busca do Google, tens que agregar um texto ao vídeo. E como temos o blog, também há a indexação dos vídeos ali.

Pensam que o formato para integrar a produção de vídeo para internet é mais para um blog ou um site?

Horácio - O blog vem ocupar o lugar da falta de estrutura para converter os vídeos em um lugar que todos estejam arquivados. Se você compara com outros meios, NY Times e outros, que trabalham de outro modo o audiovisual e multimídia, eles estão articulados de uma maneira mais parecida de como são organizados os arquivos. Nossa decisão foi intuitiva, o grupo achou que o que fazemos tinha que durar mais tempo (do que ficar um dia na home). Por motivos que não sabemos muito bem, por exemplo, para onde vai o Clarín.com, não temos supervisão de nenhum tipo. Nem a favor, nem contra.

Sabem qual é audiência?

Horacio - Sabemos porque tem texto, se não tivesse texto não poderíamos saber.

Franco – O que se mede é o link da nota escrita, mas não o descargue do vídeo. Então em relação aos vídeos não se sabe exatamente os números. Temos uma noção aproximada quando publicamos na capa do Clarín. No blog, há os comentários. Uma nota tem quase 1500 clicks.

Como pensam no enquadramento dos vídeos?

Franco - Em geral, o que se faz é buscar o plano médio, do tamanho da caixa de vídeo que temos. Se se usa um plano afastado, não fica bem.

María – E o cuidado com o áudio. Acertar a câmera para que o áudio fique bom também. Não temos microfone direcionado. E também é preciso cuidar com o som ambiente.

Franco – O plano é muito dependente do contexto em que estás, ou se tens um tripé. Está mais próximo de um videohome, video caseiro, que o usuário sobe ele mesmo para a web. Para mim a identidade do vídeo na internet poderia ser isso, (o paradigma do vídeo caseiro). Para mim tem muito que ver com o vídeo caseiro e com o primeiro plano, pelo subjetivismo, pela pessoa, por uma questão de expressão pessoal. E tudo isso porque nos permitem a experimentação, não há regras, não está definido. Não existe “a

maneira”.

Horacio – O que nos parece bastante claro, em comparação com outros meios audiovisuais, é a preponderância do ritmo sobre a qualidade.

Quanto tempo de gravação fazem, em média?

Horacio - Publicamos 3'. Mas tudo depende da entrevista. O ideal é não superar os 20, 25 minutos de gravação. Se possível, 5. Mas se o entrevistado não diz nada, não se pode gravar mais de 15. E se o entrevistado é muito bom podes gravas 1h, mas aí não editas nunca mais (risos).

Franco – Depois, há um espaço (para a edição) que seria o equivalente ao espaço que um texto teria numa página, e o tempo é de 3 minutos.

Horacio – Por exemplo, gravamos 45 min de entrevistas, (comentário: o que é uma barbaridade!), dos quais vamos publicar 12 minutos, em quatro séries de 3 minutos. A ausência de hierarquia temática (no Clarín.com, porque a hierarquia é por horário, como num blog) faz com que tenhas que encontrar tua própria ferramenta (como a publicação de uma série) para hierarquizar de outra maneira. Se publico só com o título, é possível que o vídeo se extravie.

A dificuldade para alguns meios digitais segue sendo marcar entrevistas com certas personalidades que desconhecem estes meios. Porque a marca Clarín é papel, tem-se a possibilidade de entrevistar quem quiser.

Explicar o que se faz é difícil?

Franco – Às vezes sim.

Horacio – cada vez menos, porque a seção está ficando mais conhecida, é do Clarín, e somos chamados agora para cobrir com imagens alguns eventos, e o que sucede é que temos outra perspectiva.

A discussão que fazem em el “geriátrico” (Horacio aqui faz uma ironia com a redação de papel, que seria a geriatria da empresa) é que o que estamos fazendo não é Jornalismo. Se não é Jornalismo, também não sabemos o que é, mas não é algo tradicional.

É muito difícil que em 3 minutos se faça algo com profundidade. Mas é como escrever uma nota no papel. Se necessita triangular, contextualizar (ter mais fontes), fazer uma triangulação de fontes minimamente triangular, necesitas de um tempo maior que 3 min. A diferença que temos é o uso do link. Mas agregar um texto ao vídeo não é solução.

O vídeo curto responde a uma necessidade do consumidor. É ter mais presente que quer o usuário a partir de uma maior demanda geral de vídeos online. E, depois, como converter o vídeo em algo que se pode utilizar. Mas a empresa tem uma idéia geral de que o que fazemos não é Jornalismo. Não

sabem o que é; mas sabem, ou ao menos alguns entendem, que o que fazem também está mudando. Ninguém vai ler uma nota de 5000 caracteres no jornal, estamos falando de meios massivos. Mas continua a idéia de que um meio tem que mudar ou que um jornalista tem que fazer, ou mudar, para manter viva suas pretensões de seguirem sendo/fazendo meios massivos.

Franco - Todos tivemos que aprender a usar várias ferramentas e isso significa algo muito diferente do que é um jornalista tradicional. Usamos, utilizamos uma câmera de vídeo tradicional, um software de edição de vídeo, de áudio, as ferramentas de publicação online.

Como foi formada a equipe?

Horacio – de pessoas que estavam “na Sibéria”, como se diz. Estavam “frisados” (congelados). Não se contratou. Primeiro, fazíamos a edição de vídeo com Damián e Matias (da equipe do Núcleo Multimídia). Depois, tivemos a possibilidade de fazer cursos e aprender.

A idéia de criar videonotas vem há muito tempo, e teve uma mudança com as idéias que Franco trouxe, que veio da TV. Se não fosse isso, iríamos nos autocensurar.

Franco – Espontaneamente se formou um grupo de subjetividades muito singular, de pessoas especiais.

Horacio – A mi me toca dirigir el ritmo, os assuntos. Somos um bando de terroristas que faz qualquer coisa.

É preciso ter uma predisposição especial para trabalhar com imagens ou qualquer um pode fazer isso?

Franco – Estudei letras, estava condenado a escrever. Mas sempre me interessou contar com imagens que contar com palavras; sim, há que se ter uma predisposição especial com as imagens.

Horacio – Mas a experiência com o grupo diz outra coisa, porque salvo Franco, que tinha uma experiência com TV, o resto da equipe não tinha. Mas depois que dá uma câmera, eles se entusiasmam. Eu dei um curso na maestria sobre periodista multitarea.

Encontras gente que sabe muito de muita coisa, mais o mais difícil da convergência (do “lograr converger”) é o jornalista ter a sensatez suficiente para eleger o formato mais adequado para uma notícia. Porque o mais fácil é, se tenho uma câmera de vídeo, saio a fazer vídeos, e esse é o limite. Mas porque fazer vídeo se uma nota não tem sentido, se o cara não consegue falar nada com nada em 12 minutos?

E como saber isso?

Horacio – Isso ninguém saber dizer em nenhum lado. E outra pergunta: todas essas ferramentas vão fazer com que contemos a notícia da melhor forma que há? As possibilidades são infinitas. O que discutimos é: como amalgamar conteúdo e criar um formato próprio? Todavia somos mais convergentes que criadores de um formato próprio.

Com a fusão....

Franco - O medo maior da convergência é se transformar no camerógrafo do jornalista de papel. Ser o produtor, o editor técnico de uma nota de um jornalista. Sabemos que a posição oficial não é essa, mas como vamos saber de verdade? A convergência afeta muito mais a nós do que os que estão acostumados a escrever.

Horacio – A mensagem é, não há mais periodistas web e periodistas papel, somos todos periodistas que trabalhamos para plataformas distintas, múltiplas. Isso é o que dizem, mas se 20% do total trabalhar para plataformas múltiplas, isso é muito. São 700 periodistas no papel (funcionários). Só de fotógrafos são 70.

Qual seria a estética do vídeo digital?

Franco – De vuelta, para mim é a fragmentação e o ritmo.

Mas o que seria esta fragmentação?

Franco – Não somente imagens “rotas”, mas o ritmo, a sucessão veloz de testemunhos, depoimentos. Quando falo de fragmentar, falo de recortar textualmente, mas em imagens; é o que se faz cada vez mais também, e abruptamente, no papel. Salvando as distâncias, que são muitas, é um pouco o mesmo. Também admite música, mas me assumo como um atrevido. Para mim a música tem que acompanhar. Mas tampouco é uma estética muito determinada, também me fiz essa pergunta muitas vezes quando entrei aqui e recorri a teóricos para saber o que diziam.

Horacio – As pessoas sobem qualquer tipo de vídeo, há muitas porcarias, procuramos encontrar um valor jornalístico.

Franco – Estou pensando na cobertura do evento de quando nossa presidenta anunciou a candidatura ano passado, que teve cobertura ampla, ao vivo de canais de TV, rádios, veículos nacionais, internacionais. Isso foi às 19h da tarde. Nós, no outro dia, publicamos o vídeo correspondente à cobertura (junho de 2007), que eram imagens que falavam de um relato construído por nós, que foram também as imagens captadas pelos outros, mas não sei dizer porque nossas imagens pareciam diferentes, era “otro recorrido”. Um recorrido central, tinha o que tinha que ter, coisas importantes que ela disse, mas também um recorrido lateral, coisas que não se viu em outras coberturas, “cosas de color” (jargão jornalístico na Argentina). Mais subjetivo, talvez.

Horacio - Falando do vídeo em internet, temos um caminho interessante, estamos avançando em um produto considerado "chave", mas existe em um momento ou outro um abandono de tarefas, um deixar-nos sem equipamento, sem informação. Não há nesta empresa ninguém que nos dê um olhar jornalístico sobre o que fazemos. E agora a convergência está planteada muy cercano, e talvez aconteça o contrário, que tenhamos um controle muito próximo do que fazemos e que essa espontaneidade que temos agora, experimentação, erro e tentativa, seja sepultado bajo las normas.

Franco – Os vídeos que o Clarín papel faz com seus colonistas é colocar uma cámara e a pessoa fica parada falando. Acho extremamente chato. É pouco interessante, pouco dinâmico. Muita pouca gente os olharia.

O que vocês fazem poderia ser aproveitado no celular?

Sim. Estão trabalhando nisso, porque é um grande negócio, estão vendo isso.

Horacio – O conteúdo da notícia tende a ser trabalhado em plataformas multiples, e os periodistas precisam ter a capacidade de fazer isso. Mas 3 minutos é uma eternidade para o celular.

Franco - é interessante como o La Nación (outro jornal argentino) começou a fazer videonotas um pouco depois que começamos. Mas eles usam um jornalista apresentando a notícia, como na TV, nós suprimimos isso. Mas cultivam a brevidade em extremo. Então os vídeos muitas vezes duram 1´20, e isso não tem nada a ver com a forma. Fazem vídeos muito curtos, mas com uma estética de vídeos extensos e velhos. Veja, porque vais encontrar diferenças.

Horacio – Creio também que o que funciona hoje talvez não funcione amanhã e teremos sempre que trabalhar com a estética. Talvez fazer mais um compacto de notícias. Por hora o que fazemos, dada as condições que temos, o esforço está direcionado mais por las ganas que ... A apresentação da convergência (pela cúpula do papel) foi pobríssima.

Há três pessoas do Clarín viajando ao redor do mundo vendo como se faz isso (a convergência).

São todos de texto ... estão recém descobrindo (o papel) a Web 2.0. Há planos para redimensionar a redação; mas a mensagem está mais orientada a eles (do papel) do que a nós, do Clarín.com. Que significa deixar de cortar um texto e passar a editar um áudio ou um vídeo? O texto que está aqui é muito diferente do que está acontecendo mesmo. Um garoto que está na Universidade tem muito mais domínio sobre estas ferramentas (de edição de vídeo, áudio) ...

O que vai fazer um sindicato de jornalistas multitareas? Há Problemas gremiais (de sindicato). Trabalhar sem uma hierarquia vertical no Clarín - "es

imposible", diz Horacio.